

Influência do Meio no Perfil Psicomotor da Criança

Maria Luísa Jesus Paulo Nave
Escola EB 2/3 Tortosendo
Castelo Branco
Portugal

Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita
Escola Superior de Educação de Castelo Branco
Castelo Branco
Portugal

Resumo

A ecologia do desenvolvimento humano é um dos novos paradigmas que implica o estudo científico da interação mútua e progressiva entre o indivíduo e o meio onde vive e interage.

O estudo teve como objetivo verificar se existem diferenças estatisticamente significativas no perfil psicomotor, entre crianças de cinco anos do sexo feminino e do sexo masculino, que vivem no meio rural e crianças de cinco anos do sexo feminino e do sexo masculino, que vivem no meio urbano.

A amostra foi constituída por 12 crianças, de ambos os sexos, com 5 anos de idade, divididas, por dois Jardins de Infância (meio rural e meio urbano).

Os instrumentos de avaliação utilizados para a obtenção dos dados relativos ao objeto de estudo foram um questionário (aos Pais) e a Bateria de Observação Psicomotora de Vítor da Fonseca.

Com a finalidade de enquadrar a dialética dos dados sincrónicos e diacrónicos do perfil psicomotor fez-se uma análise qualitativa aos questionários dirigidos aos pais, para identificar algum dado suscetível de justificar sinais perturbadores ao longo da aplicação dos testes psicomotores.

Para comparação das pontuações obtidas nos testes da Bateria de Observação Psicomotora de Vítor da Fonseca, nas variáveis em função do sexo e do meio, recorreremos ao Teste de Mann-Whitney.

Principais resultados e conclusões:

- Na comparação do perfil psicomotor, nos dois meios estudados, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas

- Na comparação do perfil psicomotor, relativamente ao meio/sexo, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas.
- Na análise realizada aos sete fatores psicomotores foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no fator Equilíbrio e no fator Praxia Global, com vantagem para as crianças do meio rural.
- Apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas, os resultados obtidos mostraram que as crianças do meio rural apresentam sempre pontuações superiores às das crianças do meio urbano.

Palavras-chave: Avaliação Psicomotora. Perfil Psicomotor. Criança. Meio.

INTRODUÇÃO

As teorias do desenvolvimento humano têm abraçado a difícil tarefa de explicar o processo de interação recíproca, entre o ser humano em desenvolvimento e os seus múltiplos contextos.

Na elaboração da sua teoria, Valsiner (1987) enfatiza o facto de que o desenvolvimento da criança e o seu ambiente são estruturalmente organizados. O autor refere que “essa natureza estruturada, criança/ambiente, não é estática nem imutável, mas dinamicamente transformada, tanto microgeneticamente (como as crianças e os seus cuidadores agem dentro do ambiente) como ontogeneticamente (como a criança se desenvolve em transacção com o ambiente)” (p. 76

Tal como Valsiner (1987), Bronfenbrenner (1992) também se fundamentou nas teorias de Lewin, Piaget e Vygotsky para esboçar alguns dos seus conceitos teóricos. O modelo ecológico - como é chamada a formulação de Bronfenbrenner – aponta para a necessidade de descrição e análise sistemática dos contextos, das interconexões entre estes e dos processos através dos quais eles podem afetar o desenvolvimento. O autor supracitado, alerta, ainda, para o facto de todas as características individuais não poderem ser interpretadas sem uma perspetiva ecológica, ou seja, sem se estabelecer a relação entre as características do ser humano, ativo, em desenvolvimento com os seus respetivos contextos, entendidos como ambientes dinâmicos em constantes transformações

Os estudos da psicomotricidade têm sido objeto de um extraordinário desenvolvimento, o que tem provocado uma maior aceitabilidade, tanto por parte da comunidade científica nacional e internacional, como por parte institucional, quer no âmbito pedagógico, como terapêutico.

A psicomotricidade tenta abordar o sujeito em maturação na sua globalidade, tentando compreender e descrever as interações entre os diferentes registos psicomotores.

Sabe-se que é a partir das experiências motoras que a criança adquire o conhecimento corporal, que se compreende e interioriza o sentir, construção essencial para a sua estruturação existencial. Mas as possibilidades de ação e independência, ou autonomia de mobilidade da criança, têm vindo a diminuir drasticamente, como consequência de um estilo de vida padronizado. O comportamento das crianças tornou-se, assim, mais organizado, quer em termos de espaço, quer de tempo. Temos, hoje, crianças com características próprias de uma era tecnologicamente desenvolvida, mas temos, também, um grande número de crianças imaturas e com dificuldades motoras.

É no âmbito da perspectiva de que a psicomotricidade assume uma nova visão psicopedagógica de características, fundamentalmente preventivas, que lhe é conferida um importantíssimo papel no contexto socioeducativo. Ao adotarmos uma pedagogia preventiva o mais precocemente possível podemos impedir a multiplicação, assustadora, dos fracassos escolares.

REVISÃO DA LITERATURA

Em cada idade o movimento toma características significativas e a aquisição ou manifestação de determinados comportamentos motores tem repercussões importantes no desenvolvimento da criança.

Segundo Tani et al. (1998), a organização do desenvolvimento tem início na concepção. O domínio motor, afetivo-social e cognitivo vão-se diferenciando gradualmente, mas, no início da sequência, o comportamento motor é uma expressão de integração de todos os domínios.

Das diferentes percepções que é possível estabelecer-se com o espaço, Gurvitch (1969) realça o critério da relação com o indivíduo, coletivo ou individual, fazendo as seguintes distinções:

- Espaço áutico - identificado com o indivíduo.
- Espaço egocêntrico - dominado pela emoção do indivíduo.
- Espaço projetivo – ligado à intervenção do indivíduo.
- Espaço prospetivo – situado mais longe em relação ao indivíduo.

Fazendo uma analogia entre o homem e a criança, na sua evolução filogenética, que vai considerando o espaço de diversas formas, consoante o meio envolvente e o quadro social onde se insere, a criança próxima do meio rural encara o mundo exterior de forma projetiva (intervém diretamente sobre o meio), tal como o homem das sociedades arcaicas. Já a criança do espaço citadino revela tendência para a percepção prospetiva, abrindo-se e fechando-se em resposta à informação e comunicação dos meios que a sociedade moderna lhe proporciona.

Martins (2001) refere que as práxis psicomotoras colocam a atividade humana como um investimento global da personalidade da pessoa em ação, em que os movimentos são significantes de toda a história pessoal do indivíduo. “A prática psicomotora é unificadora, no sentido em que veicula os laços entre o corpo e a atividade mental, o real e o imaginário, o espaço e o tempo, melhorando o potencial adaptativo do sujeito, ou seja, as possibilidades de realização nas trocas com o envolvimento” (p. 32).

Estas afirmações remetem-nos para a importância da avaliação psicomotora como um fundamental ponto de referência no desenvolvimento.

OBJETIVO DO ESTUDO

O objeto deste estudo centrou-se em torno da influência do meio no perfil psicomotor da criança, considerando a seguinte questão de reflexão e de pesquisa:

Existem diferenças significativas no perfil psicomotor, entre crianças de cinco anos do sexo feminino e do sexo masculino, que vivem no meio rural, e crianças de cinco anos do sexo feminino e do sexo masculino, que vivem no meio urbano?

A questão atrás referida remeteu-nos para o seguinte objetivo geral:

Analisar a importância do meio social e físico no desenvolvimento psicomotor da criança, utilizando testes psicomotores (tonicidade, lateralidade, equilíbrio, noção de corpo, estruturação espaço-temporal, praxia global e praxia fina) como forma de avaliação do perfil psicomotor.

Assim, foi intenção do nosso estudo dar resposta aos seguintes objetivos específicos:

- Observar várias componentes do comportamento psicomotor da criança, de uma forma estruturada.
- Identificar o grau de maturidade psicomotora da criança.
- Identificar crianças que não possuem competências psicomotoras necessárias à aprendizagem.
- Comparar o perfil psicomotor nos dois contextos (rural e urbano).

Formulámos como sugestões de resposta para o problema as seguintes hipóteses:

H₀- Não existem diferenças estatisticamente significativas, no perfil psicomotor, entre crianças de cinco anos, do sexo masculino e do sexo feminino, que vivem no meio rural e crianças de cinco anos, do sexo masculino e do sexo feminino, que vivem no meio urbano.

H₁- As crianças de cinco anos que vivem no meio rural têm um perfil psicomotor superior ao das crianças de cinco anos que vivem no meio urbano.

H₂- As crianças de cinco anos do sexo masculino que vivem no meio rural têm um perfil psicomotor superior ao das crianças de cinco anos do sexo masculino que vivem no meio urbano.

H₃- As crianças de cinco anos do sexo feminino que vivem no meio rural têm um perfil psicomotor superior ao das crianças de cinco anos do sexo feminino que vivem no meio urbano.

Para podermos especificar as formulações operacionais, classificámos as variáveis como:

- Variáveis de controlo – idade e sexo
- Variável independente – meio (rural e urbano)
- Variável dependente – perfil psicomotor.

A amostra foi constituída por doze crianças de cinco anos, divididas equitativamente por dois Jardins de Infância, um do meio rural e outro do meio urbano, tendo sido escolhidas, aleatoriamente, seis crianças em cada um (três do sexo feminino e três do sexo masculino).

METODOLOGIA

Optámos metodologicamente por aplicar uma ficha de anamnese, de forma a caracterizarmos historicamente a criança e aplicar a Bateria Psicomotora (BPM) de Vítor da Fonseca.

A BPM é um dispositivo diferente das escalas de desenvolvimento motor. Baseia-se num conjunto de tarefas que permite identificar défices funcionais (ou substanciar a sua ausência) em termos psicomotores. Apesar das suas limitações, tem demonstrado a sua utilidade na observação do perfil psicomotor e, que pode ajudar à compreensão dos problemas de comportamento e da aprendizagem, nomeadamente na identificação (despistagem) de sinais atípicos ou desviantes em crianças e jovens dos 4 aos 12 anos.

Na sua aplicação foram respeitados os critérios e as recomendações do seu autor, nomeadamente, no fator estruturação espaço temporal, foram consideradas as alterações sugeridas (para as crianças de cinco anos) nos subfatores organização e estruturação dinâmica e a não realização do subfator representação topográfica, dada a dificuldade das aptidões espaciais que a tarefa requer.

Depois da recolha de dados, procedeu-se à organização e tratamento estatístico. Com a finalidade de enquadrar a dialética dos dados sincrónicos e diacrónicos do perfil psicomotor foi feita uma análise qualitativa aos questionários dirigidos aos Pais. Para comparar as pontuações obtidas nas variáveis em função do sexo e do meio, optámos por recorrer aos testes não paramétricos, neste caso ao teste de Mann-Whitney, tendo em conta a não verificação dos pressupostos de Normalidade e a reduzida dimensão da amostra em estudo.

RESULTADOS

Contrariamente aos resultados encontrados por Stabelini, Mascarenhas e Nunes (2004), este estudo não demonstrou correlações estatisticamente significativas entre o perfil psicomotor e o meio, embora com valor muito próximo do nível de significância adotado ($p = 0,053 > 0,05$).

Este facto pode estar relacionado com a opinião de Neto (2005), quando refere que “estudos demonstram que as diferenças de desenvolvimento motor são cada vez menos acentuadas entre contextos sociais e geográficos” (p.23).

Apesar de não se registarem resultados significativamente diferentes, observando a Figura 1, relativa ao perfil psicomotor em função do meio, podemos verificar que as crianças do meio rural tendem a apresentar valores mais elevados dos que apresentam as crianças do meio urbano.

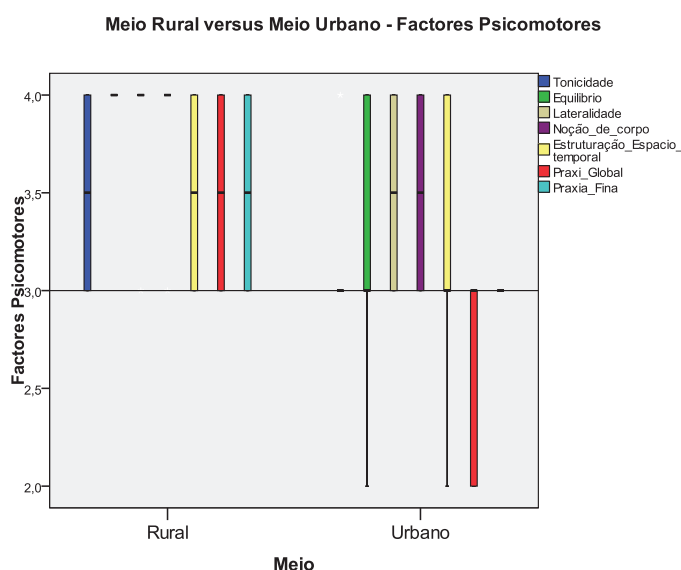


Figura 1 - Gráfico comparativo entre meio rural e meio urbano para os factores psicomotores

Esta situação pode derivar das pressões educativas que resultam da natureza dos estilos de vida atuais (Santos, 1993), uma vez que mesmo em zonas rurais, a mobilidade com recurso aos veículos motorizados também aumentou (Fotel e Thomsen, 2004).

Apesar de não se registarem resultados significativamente diferentes, observando a Figura 2, relativa ao perfil psicomotor em função do meio, observa-se

que as crianças do meio rural tendem a apresentar valores mais elevados dos que apresentam as crianças do meio urbano.

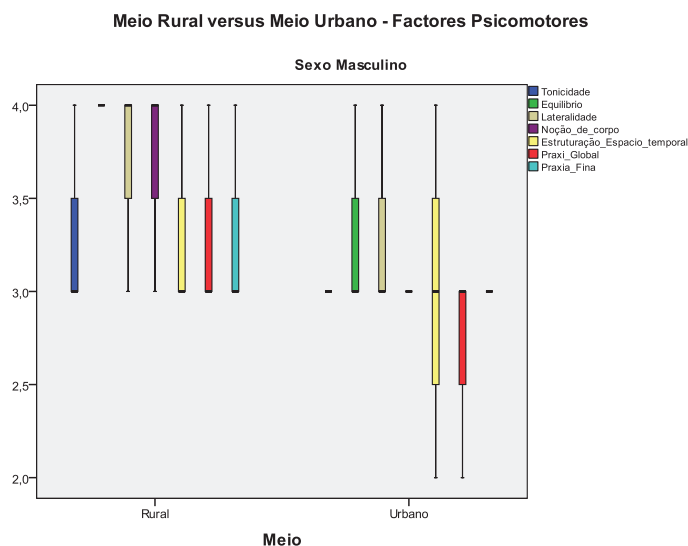


Figura 2 - Gráfico comparativo entre meio rural e meio urbano para os factores psicomotores - Sexo masculino

Os dados obtidos em relação ao meio / sexo feminino também mostraram que não existem diferenças estatisticamente significativas, mas como podemos observar na Figura 3, mais uma vez, foram as crianças do meio rural que apresentaram perfis superiores às do meio urbano.

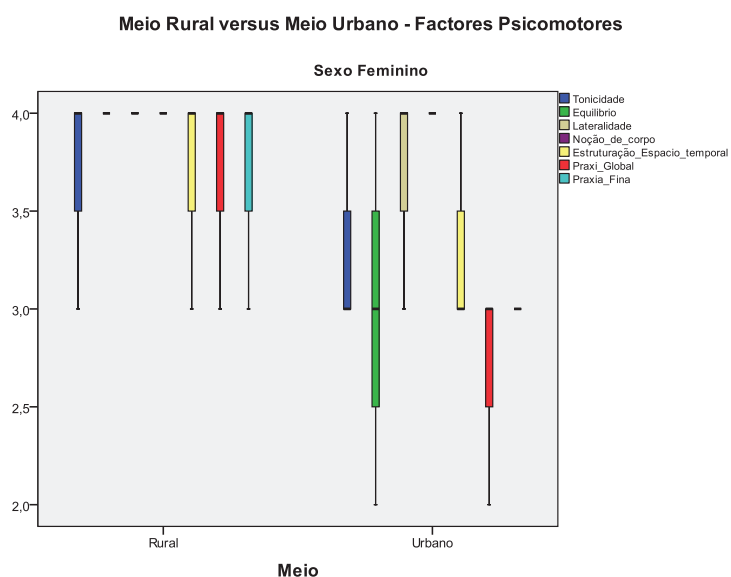


Figura 3 - Gráfico comparativo entre meio rural e meio urbano para os factores psicomotores - Sexo feminino

Vern Seefeldt (1982) realçou no seu estudo o facto de aos 5 anos de idade os rapazes se situarem entre os 20% e os 40% da performance adulta, enquanto que as raparigas já estão posicionadas entre os 40% e os 60%, afirmando que este dado é extremamente importante pois define os potenciais de desenvolvimento para os dois sexos a partir da infância e mostra com clareza a margem de progressão concedida, em termos problemáticos, a cada um deles.

Segundo Vitorino (1994), a extensão das dificuldades psicomotoras de uma criança, poderá revelar-se ao longo de um *continuum* de amplitude, podendo assim, apresentar dificuldades apenas na realização de uma tarefa específica, ou apresentar um baixo nível de competência num alargado leque de actividades.

Quando pretendemos observar as várias componentes do comportamento psicomotor da criança e identificar o grau de maturidade psicomotora, verificámos algumas diferenças entre os dois grupos amostrais do nosso estudo.

Pela análise realizada aos sete fatores psicomotores constatámos que:

- No fator Tonicidade houve prevalência do perfil euprático (8) no total da amostra (12), o que significa que houve uma realização completa, adequada e controlada dos subfactores. Os subfactores, quer os do tónus de suporte, quer os do tónus de ação, refletem de alguma forma o estado geral da postura, a organização motora de base, a estruturação tónico muscular, a organização propiocetiva, assim como o nível geral de reação tónico emocional e o estado de atenção e de integração sensorial. E, segundo Fonseca (1995, p.154) “sem a organização tónica de suporte, a atividade motora não se desencadeia nem a estruturação psicomotora se desenvolve”.

Embora não se tenham encontrado diferenças estatisticamente significativas, podemos salientar que apenas uma criança do meio urbano (sexo feminino) atingiu o perfil hiperprático, no entanto no meio rural três crianças (duas do sexo feminino e uma do sexo masculino) atingiram esse mesmo perfil.

- No fator Equilíbrio houve prevalência do perfil hiperprático (8) no total da amostra (12), o que significa que a maioria das crianças obteve uma realização perfeita, económica, precisa e com facilidade de controlo.

Apesar deste resultado salienta-se que uma criança do meio urbano (sexo feminino) apresentou um perfil disprático neste fator e que todas as crianças do meio

rural obtiveram uma realização perfeita, económica, precisa e com facilidade de controlar o movimento, o que se enquadra no perfil hiperpráxico

Neste fator foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p=0,021$) com vantagem para as crianças do meio rural.

A equilibração, juntamente com a tonicidade, constituem a organização motora de base que prepara a organização psicomotora superior: lateralidade, somatognosia, estruturação espaço temporal e práxias (Fonseca, 1995). A propósito desta função, que pertence à primeira unidade funcional do cérebro, refere que muitos sinais e problemas de atenção, de hiperatividade e de desorganização da informação, têm a ver com este sistema vital, uma vez que é o sistema vestibular que integra as informações da gravidade, que se encontra em permanente atividade para organizar a postura adequada e disponível.

- No fator Lateralização observámos a prevalência do perfil hiperpráxico (8) no total da amostra (12), o que implica, tal como no fator anterior, uma realização perfeita, económica, precisa e com facilidade de controlo.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

A lateralização, nas suas componentes funcionais, ocular, auditiva, manual e pedal, promove a estabilidade do universo vivido, da qual derivam todas as relações fundamentais entre o indivíduo e o seu envolvimento (Fonseca, 1976 citado por Fonseca 1995).

- No fator Noção do Corpo observámos, igualmente, a prevalência do perfil hiperpráxico (8) no total da amostra (12).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Contudo os resultados obtidos são superiores no meio rural e é de realçar que todas as crianças do sexo feminino (6), independentemente do meio em que estão inseridas, alcançaram uma realização que se enquadra no perfil hiperpráxico.

Fonseca (1995) a este propósito, refere que “é a noção do corpo que se torna no ponto de origem de todas as relações espaciais que estabelecemos com os objetos do mundo exterior” (p.213). Ainda segundo o mesmo autor e citando Shilder (1935): “quando o conhecimento do nosso corpo é incompleto e imperfeito, todas as ações para as quais este conhecimento é essencial também serão imperfeitas” (p.213).

- No fator Estruturação Espaço Temporal, o perfil que obteve maior prevalência foi o euprático (6) no total da amostra (12). As crianças de um modo geral realizaram as tarefas de forma completa, adequada e controlada, à exceção de uma criança do meio urbano (sexo masculino)) que apresentou um perfil disprático.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Em termos de significação psiconeurológica, a estruturação espaço temporal fornece, no seu conjunto, vários dados que indicam o estado de maturação das pré aptidões simbólicas da criança em idade pré primária (Fonseca, 1995).

- No fator Praxia Global a prevalência recaiu no perfil euprático (7) do total da amostra (12), o que significa que as crianças realizaram as tarefas de forma completa, adequada e controlada. É de salientar que duas crianças do meio urbano (uma do sexo feminino e outra do sexo masculino) apresentaram um perfil disprático.

Ao pertencer à terceira unidade funcional, cabe-lhe a função da planificação da ação. É nesta área do cérebro, nos lóbulos frontais, que se organiza a atividade consciente do ser humano, onde ocorre a programação, a regulação e a verificação da atividade motora, área onde normalmente se identificam problemas nas crianças com dificuldades de aprendizagem.

A dispraxia sugere uma planificação ineficiente na organização das ações, independentemente de uma inteligência normal. “Reconhecer o comportamento da criança disprática não é fácil, compreendê-lo muito menos, daí tanta frustração e tantos problemas emocionais e cognitivos, que podem ser evitados através de um plano de intervenção psicomotora adaptado e individualizado a cada caso, consoante o perfil das suas necessidades psicomotoras específicas” (Fonseca, 1995, p.319).

Neste fator foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p=0,030$) com vantagem para o meio rural.

A realização das tarefas da praxia global revelam o nível de atenção voluntário da criança, a sua capacidade de planificar e sequencializar ações perante novas situações e, as suas funções cognitivas gerais (Fonseca, 1995).

- No fator Praxia Fina, tal como no fator praxia global, também se verificou prevalência do perfil euprático (9) no total da amostra (12).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas mas, mais uma vez, se obtiveram melhores resultados no meio rural, dado que tal como no fator anterior, nenhuma criança do meio urbano conseguiu atingir o perfil hiperprático.

Conforme Fonseca (1995, p.270), “a praxia fina traduz um produto final no qual participam, com uma contribuição particular, todos os restantes fatores psicomotores”.

Assim, a praxia fina, em conjunto com os outros factores da BPM, permite perspetivar e antever, de que modo o cérebro integra, processa e elabora informação, uma vez que “como órgão de aprendizagem, não só recodifica a informação sensorial, transformando-a num sistema de conceitos, como estabelece planos, programas e formas de controlo consciente das acções” (Fonseca, 1995, p.274).

CONCLUSÕES

Das conclusões atrás referidas podemos inferir que, apesar de não se terem registado diferenças estatisticamente significativas, no perfil psicomotor, as crianças do meio rural não apresentaram dificuldades de realização em nenhum dos fatores psicomotores, o mesmo não se verificando nas crianças do meio urbano.

Estes dados estão de acordo com alguns estudos em que têm sido referidas diferenças, em determinadas variáveis do desenvolvimento motor das crianças, em função da proveniência geográfica (Serra, 1992; Pissarra, 1993; Pimentel & Oliveira, 2003).

Nestes estudos, os resultados apontam uma tendência, quando encontradas diferenças, para posições mais vantajosas nas crianças que vivem no meio rural. Como explicações mais plausíveis têm sido apontados fatores como a acessibilidade aos espaços para brincar, as características dos mesmos e os estilos de vida relacionados com a gestão do tempo de trabalho e de lazer (Serrano & Neto, 1997).

O meio em que a criança vive não é estático, nem homogéneo, transforma-se juntamente com ela. Conforme a idade a criança interage mais com um ou outro aspeto do seu contexto, extraindo dele os recursos para o seu desenvolvimento. Este baseia-se nas necessidades e competências específicas da criança naquele momento de vida. Esta reciprocidade entre as condutas das crianças e o seu meio confere um carácter de relatividade ao processo de desenvolvimento.

No entanto, ao considerarmos a influência do ambiente e da cultura no desenvolvimento, é importante que não se esqueça que este tem uma dinâmica e ritmos próprios que resultam do que Wallon (1978) denominou de princípios funcionais que agem como leis constantes.

As etapas do desenvolvimento têm um ritmo descontínuo – a passagem dos estágios de desenvolvimento não acontece de modo linear, por ampliação. Trata-se de um movimento de contínua reformulação, roturas, retrocessos marcado por crises que afetam a conduta da criança.

Estes conflitos, também denominados de dinamogéneos, podem ser resultado de desencontros entre o comportamento da criança e o ambiente exterior (exógeno) ou originários de fatores orgânicos, relativos à maturação (endógenos).

Apesar de reconhecermos que a experiência educativa é, principalmente, uma experiência comunicacional, descuramos facilmente o papel e a função das linguagens não-verbais.

Acreditamos, tal como refere Antunes (2005), que muitos dos problemas de inadequação, mal-estar familiar, escolar, social, de insucesso e abandono, poderiam ser ultrapassados e, muitas vezes evitados, se no processo de formação/educação aprendêssemos a conhecer-nos e a conhecer os outros através da linguagem corporal e nos comportamentos motriz e psicomotriz.

O que pretendemos evidenciar nesta relação educação/psicomotricidade é o facto de que a psicomotricidade não deve ser entendida apenas no sentido mais estrito, visando grupos minoritários (pessoas com dificuldades de aprendizagem, desequilíbrios emocionais, portadoras de deficiência, etc.), mas sim, vista como uma metodologia de trabalho essencial no processo de desenvolvimento de cada um.

Torna-se, por conseguinte, importante que as pesquisas transcorram durante as etapas iniciais da vida, uma vez que os momentos críticos do processo de desenvolvimento são mais facilmente detetáveis durante a infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, M. (2005). Educação e Psicomotricidade – Que relação? *Revista da Associação Portuguesa de Psicomotricidade*, 5, 32-40.

- Bronfenbrenner, U. (1992). *Six Theories of Child Development: Revised formulations and current issues*. London: Jessica Kningsley Publishers.
- Fonseca, V. (1995). *Manual de Observação Psicomotora: significação psiconeurológica dos factores psicomotores*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fotel, T. & Thomsen, T. (2004). The surveillance of children's mobility: *Surveillance & Society*; 1(4), 535-554.
- Gurvitch, G. (1969). *Os quadros sociais do conhecimento*. Ed. Moraes, Lisboa.
- Martins, R. (2001) "Questões sobre a identidade da psicomotricidade – as práticas entre o instrumental e o relacional. In: V. da Fonseca & R. Martins (Eds.), "Progressos em psicomotricidade". Faculdade de Motricidade Humana. Cruz Quebrada, pp. 29-49.
- Neto, C. (2005). A mobilidade do corpo na infância e desenvolvimento urbano: um paradoxo da sociedade moderna: *O corpo que (des)conhecemos*. David Rodrigues Editor, FMH, 15-30.
- Pimentel, J. & Oliveira, J. (2003). *Influência do meio no desenvolvimento da coordenação motora global e fina: Estudo com crianças de 9 e 10 anos da Cidade do Porto e da Beira Alta*. Horizonte, 18 (5), 34 -37.
- Pissarra, M. (1993). *Desenvolvimento motor e envolvimento social. Estudo do crescimento e desenvolvimento das capacidades motoras em crianças dos 7 aos 9 anos de idade nos meios rural e urbano*. Tese de Mestrado. FMH / UTL.
- Santos, A. (1993). Tempo livre, tempo de brincar, tempo de crescer: *Cadernos de Educação de Infância*, 25, 6-9.
- Serra, M. C. (1992). *Desenvolvimento motor, jogo e contexto cultural. Estudo comparativo da actividade lúdica e do comportamento motor de três grupos de crianças com 6, 7, 8 e 9 anos de idade pertencentes a meios socioculturais diferenciados*. Tese de Mestrado, UTL/FMH.
- Serrano, J. & Neto, C. (1997). As rotinas de vida diária das crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos nos meios rural e urbano : C. Neto (Ed). *Jogo e desenvolvimento da criança*. Lisboa, Edições FMH, 206-225.
- Stabelini, A., Mascarenhas, L. & Nunes, G. (2004). Relação entre factores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos : *Revista Makenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo,3(3), 135-140.

Valsiner, J. (1987). *Culture and the development of children's action*. John Wiley & Sons, New York. N.Y.

Vitorino, T. (1994). Dificuldades no comportamento motor da criança. Contributo para a sua caracterização: *Revista de Educação Especial e Reabilitação*, 1, 19-22.

Wallon, H. (1978). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa, Edições70.